

Encontro provoca desilusão

Miami — Logo após a reunião entre o presidente do Banco Central do Brasil, Francisco Gros, e o comitê dos bancos credores, um importante banqueiro europeu afirmou que o encontro provocou "desilusão" e que não se chegou a nada de concreto.

Mas em sua entrevista à UPI, sob a condição de não ser identificado, ele observou: "O que ninguém disse, nem mesmo os brasileiros, é que haverá uma nova reunião ainda esta semana em Nova Iorque. Isso é algo que indica pelo menos uma movimentação".

Por sua vez, um banqueiro japonês, também presente em Miami, comentou que a dívida do Brasil "causa preocupação, porém, não se pode esquecer que este país tem muito futuro".

Fontes financeiras disseram que o que o Brasil e os bancos tratam de negociar primordialmente é a manutenção dos créditos comerciais de curto prazo, essenciais às exportações brasileiras, e ainda que os bancos não tenham declarado como "não produtivos" os empréstimos feitos ao Brasil, sobre os quais estão deixando de receber os juros desde que o país decretou moratória em fevereiro.

Gros, que retorna ao Brasil amanhã à noite, disse em entrevista coletiva após a reunião com o comitê dos credores, presidido por William Rhodes: "Fizemos comentários sobre a situação do Brasil e a política econômica do governo".

"Discutimos questões específicas tais como novos empréstimos, continuação dos créditos, empréstimos interbancários, questões técnicas e os empréstimos comerciais de curto prazo", afirmou Gros, qualificando a reação do comitê de "positiva".

O presidente do BC sustentou



Gros preocupou os banqueiros

que "não seria útil negociar um acordo formal" sobre a dívida total do Brasil. "Não temos tempo, estão por expirar os acordos que temos", disse, lembrando que o Brasil precisa informar sobre planos e medidas tomadas e apresentar pedidos formais para a renovação dos créditos de curto prazo.

Segundo Gros, a idéia geral foi passar informações para o comitê dos bancos credores que, por sua vez, as repassará aos inúmeros bancos com empréstimos concedidos ao Brasil.

"Não concordo que exista uma paralisação dos compromissos depois de 23 de fevereiro", disse Gros, ao se referir à ameaça do Brasil de suspender o pagamento de sua dívida de curto prazo se os bancos suspenderem os créditos comerciais.